

Retomada da negociação com o Clube de Paris

por Paulo Sotero
de Washington

Um alto funcionário do governo dos Estados Unidos disse sexta-feira, em Washington, que não detectou nenhuma mudança recente na posição do Clube de Paris de exigir dos países devedores um acordo formal com o Fundo Monetário Internacional (FMI) como precondição para a renegociação de sua dívida com os governos das nações industrializadas. O governo brasileiro, que já ouviu essa resposta no passado, fará uma tentativa para reabrir as conversas com o Clube de Paris em meados deste mês.

O Brasil que já tem acumulado um total de US\$ 1,2 bilhão de pagamentos já vencidos em juros e principal, espera receber de seus credores oficiais pelo menos o mesmo tratamento que lhe foi dispensado pelos credores privados, que concordaram em renegociar dívidas vencidas, em caráter provisório, sem que o País se submetesse a um acordo com o FMI.

Brasília acredita, igualmente, que a abordagem caso-a-caso observada até agora pelo cartel dos credores no encaminhamento da crise financeira do Terceiro Mundo deve valer nos dois sentidos. Como afirmou recentemente o presidente do Banco Central, Fernão Bracher, o Brasil não tem problema de balanço de pagamentos. Não tem planos para pedir novos empréstimos "involuntários" dos bancos e não tem, por isso, por que se socorrer junto ao FMI.

ANÁLISE

Indagado por este jornal sobre esses argumentos, o representante do governo americano explicou que o Clube de Paris não se sente apetrechado para fazer a análise das finanças dos países devedores e pede, por isso, que o FMI atue como seu auditor. Mas, num possível sinal de abertura, indicou que esse trabalho não precisa ser feito necessariamente apenas pelo Fundo, podendo ser compartilhado também com o Banco Mundial, como ocorreu no caso da Colômbia. A Colômbia não assinou um crédito tipo "stand-by" com o FMI, mas submeteu-se à "vigilância reforçada" da instituição.

Vigilância reforçada não parece algo que o governo Sarney esteja disposto a engolir. Banqueiros ouvidos por este jornal acreditam que, apesar da questão de princípio, os governos

das nações industrializadas acabarão acomodando o pedido brasileiro, de alguma forma. É possível. Um dos fortes argumentos práticos que os representantes do governo pretendem levar ao Clube de Paris é que, ao não renegociarem a dívida do Brasil, os países ricos estão prejudicando a eles próprios, pois suas agências oficiais de financiamento à exportação não estão concedendo novos créditos a empresas interessadas em exportar para o Brasil e estas estão perdendo bons negócios.